

Marcelo da Silva Carneiro*
Lília Dias Marianno**

Desconstruindo uma alegoria: Gálatas 4, 21-31

Deconstructing an Allegory: Galatians 4, 21-31

Resumo

A alegoria de Gl 4,21-31 envolvendo o filho da escrava Agar e o filho da mulher livre, que Paulo não nomeia, como expressões da vivência pela Lei ou pela Graça, demonstra ser um equívoco hermenêutico do apóstolo. Ele tenta elaborar uma ideia que acaba num sentido oposto, especialmente quando usa o Cântico de Isaías 54,1 para fundamentar seu argumento. Neste artigo, procuramos desconstruir o uso dessa alegoria, adotando um caminho de análise crítica do discurso da perícopes, seguido de propostas de solução para esse equívoco. Afinal, Paulo era imaturo teologicamente nesta época ou usou mal as figuras propositadamente? Uma das possibilidades adotadas é que Paulo pode ter usado uma imagem popular presente no imaginário dos Gálatas, que tinham certo conhecimento das tradições judaicas. É possível, por outro lado, pensar numa leitura mais profunda da alegoria, que Paulo acabou não apontando no seu texto, mas que devia estar no horizonte de interpretação dela.

Palavras-chave: Gálatas; Lei; Graça; Agar; Alegoria.

Abstract

The allegory of Gl 4, 21-31 involving the son of the slave woman, Agar, and the son of the free woman, that Paul does not mention, as expression of experience of life by Law or by Grace is an evidence of Hermeneutics misconception of the apostle. He tries to formulate an idea that finish in opposed sense, especially when he uses the Song of Isaiah 54, 1 to justify his argument. In this article, we seek to deconstruct the use of this allegory, adopting the method of critical Discourse Analysis, followed by proposed solutions for this misconception. After all, Paul was theologically immature in that time or just misused the metaphors purposely? One of the possibilities is that Paul used a popular image present

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professor de Novo Testamento e pesquisador do Grupo Oracula. pastor.carneiro@gmail.com.

** Doutoranda em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB). lilia.marianno@gmail.com

in the Galatian imaginary, which had certain knowledge of Jewish traditions. It is possible, on the other hand, to think of a deeper reading of the allegory, that Paul does not pointing in his text, but could be in its horizon of interpretation.

Keywords: Galatian; Law; Grace; Agar; Allegory.

Introdução

Na maioria de suas cartas Paulo fez uso do recurso da alegoria. A alegoria já era usada na Grécia antiga, pelos filósofos, na interpretação de obras homéricas. Desde o Antigo Israel há evidências de que houvesse alegorias, mas elas se tornaram famosas no ambiente judaico após Fílon de Alexandria (10 AEC - 50 EC), que fez uso delas para interpretar o Antigo Testamento à luz da filosofia platônica. A alegoria pode ser entendida como uma figura de retórica que procurar transmitir significados além daquele imediato ao texto ou imagem. As cartas de Paulo têm muito de retórica, pela qual ele conseguia convencer sua audiência. Nesse contexto o uso da alegoria fazia todo sentido. Paulo foi contemporâneo de Fílon e, também, pelo fato de ter estudado retórica em Tarso, onde havia uma importante escola, isso, certamente, influenciou sua maneira de comunicar-se e registrar suas ideias teológicas.

A epístola de Gálatas, que está entre os primeiros escritos paulinos, reflete essa primeira fase de elaboração retórica e exposição alegórica. Nela, Paulo defende a ideia da liberdade da graça frente à prisão da Lei. Para demonstrar esse contraste, ele usa a alegoria de Sara, Agar e seus filhos (4,21-31), que contrastam em diversos níveis, o que permite ao apóstolo situar a comunidade diante do dilema que ela vive: estar livre pela fé e pela graça divina, ou deixar-se escravizar pela lei e os costumes vinculados a ela. Entretanto, no uso da alegoria Paulo acaba se contradizendo ou, no mínimo, cometendo um equívoco hermenêutico. Neste artigo analisaremos a perícopes da alegoria e suas implicações para a vida da comunidade de Gálatas, tentando entender os motivos de Paulo tê-la usado de forma equivocada.

Começando o caminho: o texto de Gl 4,21-31

Nossa tradução do texto procura preservar a terminologia adotada por Paulo. O texto organiza-se em torno da comparação do filho de Agar (escrava) com o de Sara (livre). Desenvolve seu raciocínio por meio de citações e alegorização das pessoas citadas. Segue abaixo o texto:

²¹Digam-me, os que querem estar debaixo da Lei:

vocês não estão ouvindo a Lei?

²²Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava¹ e outro da livre. ²³Mas, enquanto o filho da escrava foi gerado segundo a vontade humana, o da livre foi gerado por meio de promessa.

²⁴Essas realidades são ditas alegoricamente; porque representam duas alianças:

uma a do monte Sinai gerando filhos para a escravidão,
a qual é Agar ²⁵,
que corresponde à Jerusalém de hoje,
pois serve de fato como escrava junto com seus filhos.

²⁶Mas a Jerusalém do alto é livre, a qual é nossa mãe;

²⁷Porque está escrito:

*Alegre-se, estéril, a que não deu à luz,
Grite de alegria, a que nunca sofreu as dores de parto;
Porque a mulher abandonada tem mais filhos
do que a mulher com marido.*²

²⁸Mas vocês, irmãos, são filhos da promessa, assim como Isaque.

²⁹Porém, assim como, naquela época,
o filho gerado segundo a vontade humana perseguia
o filho nascido do espírito,
o mesmo acontece agora.

³⁰Mas, o que diz a Escritura?

*Expulse a escrava e o filho dela;
porque de modo algum o filho da escrava
herdará junto com o filho da livre.*³

³¹Portanto, irmãos,
não somos filhos de uma escrava,
mas da mulher livre.

Uma primeira olhada sobre o texto: citações e alegorias

A argumentação de Paulo a respeito da diferença de alianças é feita por meio de alegorias, termo que inclusive ele usa para indicar aos leitores/ouvintes a mensagem que ele queria passar, ao utilizar as

¹ Grego, *paidiskê*, que significa uma mulher que serve como escrava. É sinônimo de *doulê*. (Cf. LOUW; NIDA, , 2013).

² Citação de Is 54,1.

³ Citação de Gn 21,10.

figuras de Agar e Sara. O texto faz algumas citações do Antigo Testamento de modo bem rigoroso, sendo possível até que Paulo tenha feito uso da versão grega, a Septuaginta, como base para sua argumentação. Uma comparação entre as versões de Paulo, da Septuaginta e do texto Hebraico mostram o mesmo vocabulário.

No caso da citação de Isaías 54,1, não há qualquer alteração da parte de Paulo em relação ao texto do profeta. A inserção deste cântico quer situar o caso na tradição israelita de celebração pela possibilidade de ter-se filhos, mas, que já em Isaías tem um componente alegórico: Israel representa a mulher que antes não podia ter filhos, mas, como sinal da aliança divina e de sua misericórdia, terá muitos filhos.

Já no caso da citação de Gênesis 21.10, ela é idêntica até o final, quando Paulo omite o texto original “meu filho Isaque” e encerra com “o filho da mulher livre”. Essa mudança deve ter sido feita para harmonizar-se com o raciocínio inicial que compara o filho da escrava com o filho da livre, reforçando o sentido antitético das situações.

Aqui, Paulo começa a adotar seu sistema de argumentação escriturística, que será plenamente desenvolvido em epístolas posteriores, em especial a de Romanos. A retórica paulina adota o sistema judaico da midrash, em que os textos do Pentateuco e dos Profetas, além dos Salmos, são citados abundantemente, sendo aplicados a novos contextos e situações. Por outro lado a alegorização foi herdada dos filósofos gregos.

Dois aspectos que merecem ser destacados nesta argumentação: primeiro, o uso diferenciado de lei no v.21: ele questiona os que desejam viver de acordo com a instituição da Lei, no sentido de uma moral legalista e fechada, mas, que parecem desconhecer a Lei/Torá, neste caso, as Escrituras que geraram o conhecimento sobre a vontade divina. Isso mostra que já no período apostólico – e até mesmo antes - havia uma polissemia no uso do termo entre os judeus.

Outro aspecto que merece destaque é a citação do v.29: no texto de Gênesis não é reportada nenhuma perseguição de Ismael a Isaque. Ao contrário, o v. 9 diz: “Sara, porém, viu que o filho que Abraão tivera com Agar, a egípcia, brincava com Isaac”, segundo a *Bíblia do Peregrino*. A versão da *Nova Bíblia Pastoral* afirma: “Ora, Sara viu que estava sorrindo o filho que Agar, a egípcia, tinha tido com Abraão”. Já na tradução da Sociedade Bíblica, *Ferreira de Almeida Revista e Atualizada* contém o seguinte texto: “Vendo Sara que o filho de Agar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçoava de Isaque,”. Segundo Alonso Schökel, “autores antigos, e alguns modernos, atribuíram a Ismael na brincadeira uma

intenção perversa, que não está no texto nem no contexto. Se Ismael fosse um menino precocemente pervertido, Abraão não teria levado tão a mal o pedido de Sara. Gl 4,29s segue uma tradição rabínica” (*Bíblia do Peregrino*, nota de Gn 21,8-9). Neste caso, parece que Paulo faz uso da tradição rabínica para fundamentar sua argumentação.⁴

Temas pungentes ao longo da epístola

Antes de adentrarmos por aspectos mais densos da alegoria usada por Paulo, as tensões vivenciadas pelas comunidades na Galácia, mencionadas em capítulos anteriores, merecem ser recuperadas como propulsoras de nossa análise da alegoria em si mesma.

O tema da liberdade está presente em praticamente todos os capítulos da carta (1,4; 5,1), assim como a crítica ao jeito legalista de viver-se o cristianismo, de modo excessivamente apegado à Lei com abandono deliberado da liberdade. Paulo fala de gente incomodada com a liberdade dos gálatas, que parece estar infiltrada na comunidade para reintroduzir a escravidão (2,4). Lá pelo meio da carta, Paulo enfatiza sua falta de vínculo com o grupo dos apóstolos. Somente Pedro o conheceu, uns três anos depois de sua conversão. Os demais só o conheceram quase duas décadas depois (1,16-2,10), na ocasião do concílio de Jerusalém e que, diga-se de passagem, não resultou numa ordem de circuncisão dos gentios porque, eles mesmos, reconheceram que leis judaicas de circuncisão não se aplicam a gentios (2,15-22). Qualquer fascínio pelo rigor da Lei seria uma insensatez que conduziria os gálatas à maldição (3,9-10), e isso não balizaria a fé dos gentios no Cristo que os remiu (3,13). A Lei seria apenas uma tutora até o momento do conhecimento mais amadurecido em Cristo (3,23-25); ela não salvaria, nem seria capaz de gerar vida (3,21). A remissão estaria em Cristo, que não morrera em vão (2,11). Assim, a tensão entre fé em Cristo e cumprimento da lei não deveria existir, a não ser que se pretendesse agradar aos homens e não a Cristo (1,10).

Na perícope anterior de 4.12-20, Paulo foi muito veemente quanto à relação que ele tinha com a comunidade, anterior aos que se infiltraram nela. Paulo fala de uma enfermidade que não impediu a comunidade de acolhê-lo (v.13-14), e que a relação deles se tornou tão forte que ele percebia o legítimo interesse deles em ajudá-lo a ponto de afirmar

⁴ Tudo indica que várias traduções da Bíblia atual foram influenciadas pela exegese de Paulo, por isso apontam a brincadeira de Ismael como algo negativo.

que “teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim” (v.15d). Essa intensa relação afetuosa lembrada por Paulo o fez afirmar que sofria novamente as dores de parto (v.19), usando uma linguagem maternal para com o grupo. Com isso, Paulo deu a tônica da perícopes em seguida, usando uma alegoria maternal para tratar da questão da liberdade.

Metáforas sobrepostas e uma alegoria mal construída

Antes de entrar na alegoria, Paulo introduziu o assunto falando sobre a família de Abraão. Afinal, ele está se dirigindo a uma comunidade gentílica. Ancestralidade abramica podia ou não ser um tema recorrente, então os gálatas precisavam ter conhecimento sobre a vida na família de Abraão para compreenderem a analogia que veio em seguida. Neste processo ele estabelece:

- Não há: judeu/grego - escravo/livre - homem/mulher (anulando dualismo);
- Somos filhos herdeiros e não escravos (4,6-7);
- A necessidade de tutoria da Lei significa menoridade e falta de autonomia dos herdeiros;
- O apego à Lei nos torna fracos e miseráveis (4,9).

A alegoria que Paulo estabelece utiliza novos e intrigantes paralelos metafóricos, e pode ser compreendida na correlação que se segue:

Lei	Promessa
Escravidão	Liberdade
Serva (Agar - Ismael)	Livre (Sara - Isaque)
Carne	Promessa
Sinai/Arábia/Escravos/...../ Livres
Jerusalém atual (4,25)	Jerusalém do alto (4,26)

Paulo usa da força de linguagem do tema “escravo x livre” para montar a analogia; mas, ela se complica quando Is 54 complementa a ideia.: *Alegre-se, estéril, a que não deu à luz, grite de alegria, a que nunca sofreu as dores de parto; porque a mulher abandonada tem mais filhos do que a mulher com marido.*

É difícil acompanhar quem é verdadeiramente livre na analogia. Na lógica da metáfora, Agar é a escrava e Sara é a livre, Ismael é o filho da escravidão e Isaque é o filho da promessa. Mas, nos versos do dêutero-Isaías, a mulher abandonada é a mais abençoada, com muitos filhos, mais do que aquela que tem marido, porém, na tradição, Agar é a abandonada enquanto Sara é a que tem marido.

No contexto imperial romano, tanto o tema da escravidão quanto o da esterilidade eram latentes. Entretanto, a forma como a metáfora foi construída tornou ainda mais opressora e depreciativa tanto a figura do/a escravo/a, quanto a mulher estéril. Além da leitura de superfície, evidente para quem lê o trecho mesmo que de passagem, parece haver um algo mais na escolha dos termos e que, considerando a forte formação na tradição judaica que Paulo possuía, a coesão entre a metáfora e a junção do cântico está um pouco sofrida. Isso pode nos levar a pensar se foi Paulo mesmo quem escreveu todo esse trecho ou se houve participação de algum discípulo, mais alienado sobre a tradição, que confundia alguns papéis dos personagens da narrativa.

O que se pretende comparar de fato? Se Agar é exemplo da Lei e da aliança do Sinai que deve ser banida do cristianismo “fora-da-Lei”, por que a abandonada (Gn 21 = Agar?) é contemplada com mais filhos do que a estéril que tem marido (Gn 21 = Sara?)? Se esta metáfora tem sentido, os gentios da Galácia, livres da lei da circuncisão, são associados aos descendentes de Sara e filhos da promessa. Ao passo que os espiões de Jerusalém são associados como escravos da Lei, mas, na metáfora, eles seriam os filhos de Agar, a que realmente foi abandonada no deserto.

Quer-se aqui enfatizar que os gentios cristãos são em muito maior número que os judeus-cristãos de Jerusalém? Enquanto a metáfora estava na senhora e na serva ainda havia inteligibilidade da alegoria, mas quando associou a estéril e a abandonada à mesma alegoria, ela ficou ininteligível, o eixo central parece ter sofrido uma dobra.

Outras tramas e suspeitas hermenêuticas

Algumas questões ausentes nesta perícope, mas, subjacentes nas discussões da epístola, podem ajudar a compreender o contexto maior da aplicação da alegoria. Circuncisão é um tema recorrente da epístola, associada ao aspecto físico do apego excessivo à Lei, combatido por Paulo. No entanto, esterilidade é um tema recorrente no ambiente do

Império. Circuncisão era questão masculina e fálica, só fazia sentido numa genitália masculina. Pouco interessava às mulheres. Por outro lado, esterilidade era um tema realmente feminino. Somente com o conhecimento científico dos tempos mais recentes é que tomamos conhecimento de que os homens também podem ser estéreis. Em tempos mais antigos, quando um casal não podia ter filhos a culpa era atribuída à mulher.

Se Paulo estava empreendendo tanta energia para corrigir os problemas de apego à Lei, refletidos na prática desnecessária de circuncisão entre os gentios, por que construiu uma metáfora usando uma mulher estéril e outra fértil, acrescentando uma palavra de ânimo para a abandonada ao invés da mulher com marido? Seria possível que o apego à Lei estivesse afetando mais aos homens das comunidades do que às mulheres?

Ele foca em questões como: quem pariu quem, ou, quem era a senhora e quem era a serva, quem era a livre e quem era a escrava, quem representava a escravidão e quem representava a liberdade. Mas quem seria, realmente, a estéril e a abandonada da metáfora? Historicamente a estéril foi Sara e a abandonada foi Agar.

Pode ser que esta mistura de figuras (senhora – escrava – estéril e mulher de marido), arrumadas de maneira pouco lógica, tenha a ver com alguma imaturidade teológica do próprio Paulo nesta fase do seu ministério. Como era fariseu, fora muito bem educado na lei e na tradição judaica. Porém, parecia que ainda não estava tão preparado para desapegar-se da Lei, como ele mesmo pretendia enfatizar.

O fato de a epístola ter sido escrita para revidar “um ataque dirigido contra a própria pessoa de Paulo, contra seu ensinamento, contra sua autoridade de apóstolo, da parte dos cristãos judaicos, agarrados à Lei e que não compreenderam a novidade do Evangelho” (CULLMAN, 2008, p. 40, 44-46)⁵ pode ter sobrecarregado o apóstolo com emoções negativas, de modo que teria afetado a coerência argumentativa de sua exposição, principalmente se precisou de algum secretário para terminar o texto, por estar com dificuldade para escrever (Gl 6,11) e este, talvez, tenha cometido alguns deslizes na escrita.

Teria sido este trecho da epístola aos gálatas uma semente que, do velho fariseu, faria florescer o apóstolo da redenção pela graça tão

⁵ Culmann (2008, p. 40, 44-46) afirma que os ataques precisos e diretos que Paulo lança a um pequeno grupo local dentre as igrejas da Galácia não seriam cabíveis na realidade de outras igrejas, tão diferentes uma das outras.

brilantemente presente na carta aos Romanos? Culmann (2008) afirma que o pensamento paulino ainda se encontrava em fase de elaboração quando escreveu esta epístola. Os mesmos temas da liberdade e escravidão, lei e graça serão retomados em Romanos, epístola posterior, com ordenamento teológico muito mais consistente.

Se não há escravos ou livres, judeus ou gentios...

A tensão mais aguda está na construção da analogia de filhos da lei (os descendentes de Abraão seguidores de Moisés) como filhos da escrava (da lei, do deserto e do Sinai). Na prática, os filhos da escrava nunca tiveram a tradição mosaica como referência, pois Ismael foi expulso da casa de Abraão muito antes de haver a lei. Os filhos da lei são os que de fato seguiram a tradição mosaica, ou seja, os descendentes de Isaque, o filho da promessa. Os filhos da escrava são mais parecidos com os filhos da abandonada, como os gentios no Império Romano, em número cada vez maior de seguidores do Cristo, como os que estavam na Galácia.

Paulo parece ter uma pendenga mal-resolvida com Jerusalém, pois ele deprecia a Jerusalém terrena (o Sinai e a Lei) associando-a com a escrava que mereceu ser desterrada. Também menciona de maneira inédita no Novo Testamento (NT) a Jerusalém que vem do alto (4,26), um conceito tão novo no ambiente cristão que não havia paralelo. Deve ter sido de difícil assimilação para as comunidades de tradição judaica, mas, para uma comunidade gentílica, organizada em torno da mentalidade helenística, pode ter feito mais sentido, estabelecendo um princípio de análise dualista entre o espiritual e o terreno.

Se não há nem escravo ou livre e nem judeu ou gentio, como ele acabara de falar, a analogia com a escrava desterrada para referir-se aos filhos da lei estava fora de situação, ou foi de mau gosto. Ele enfatizou o “colocar a escrava para fora” como quem coloca para fora a escravidão da Lei. Se a metáfora queria dizer: expulse a escravidão da sua vida, a leitura de superfície ficou deficiente, pois não considerou o ciúme e a violência embutidos no abandono da escrava, que tanto entristeceu Abraão quando foi obrigado a proceder assim por pressão da esposa com marido.

Outras hipóteses para a abordagem da alegoria

Uma hipótese, de difícil comprovação, é a da metáfora não ser paulina, mas, seria uma construção popular da parte de pessoas que não tinham domínio teológico para analisar as implicações de usar

Sara e Agar como contraposição alegórica. Os grupos celtas que viviam na Galácia tinham certo contato com a cultura judaica a partir de um ponto comum: a circuncisão. No caso deles, a circuncisão era uma prática sacerdotal de imitação do deus Átis, consorte da Mãe dos Deuses, cultuada principalmente na Anatólia, ao nordeste da Ásia Menor (Cf. IZIDORO, 2013). Além disso, a difusão das culturas pela facilidade de acesso por estradas fez com que a presença judaica no ocidente fosse cada vez maior e, por sua vez, suas histórias e imagens fossem difundidas, especialmente aquelas oriundas do Gênesis, por tratarem das histórias das origens.

Pensando a história de Gn 21,8-13 refere-se, na verdade, a uma antiga celeuma entre os descendentes de Isaque e Ismael, ambos da linhagem abraâmica, mesmo que historicamente essa ascendência tenha se popularizado a partir do surgimento do Islamismo no mundo árabe, no séc. 7 EC. Considerando a informação de que havia uma leitura corrente da parte dos sábios judaicos que colocava Isaque e Ismael em oposição, o típico caso do irmão mais velho e intolerante, pode ser que, neste caso, Paulo tenha usado essa imagem a fim de facilitar a compreensão deles a respeito de sua argumentação. Mesmo assim, demonstra uma fase teologicamente imatura e pouco elaborada do apóstolo, fruto da transição entre uma vivência farisaica fechada na Lei e o chamado apostólico aberto aos gentios.

A segunda hipótese, que talvez explique melhor a incorreção no uso dos textos na alegoria, é de fundo emocional. Tendo em vista a forma como Paulo se colocou perante a comunidade, com lembranças dos tempos em que o apóstolo ficou sob os cuidados deles, naquele momento como uma mãe prestes a dar à luz (4.19), é possível pensar que a alegoria tenha sido montada debaixo de uma forte emoção e sentimento de aflição pela situação que os gálatas estavam vivendo. Possivelmente Paulo não podia ir até o encontro deles naquele momento e, por isso mesmo, escreve essa carta que passa uma sensação de urgência em diversos momentos. Neste contexto Paulo não escreve como exegeta de gabinete, mas, como pastor aflito com suas ovelhas. Isso daria um vislumbre não só do motivo da montagem um tanto confusa da alegoria, como também do nível de envolvimento de Paulo com as comunidades que ele ajudou a criar.

A leitura que Paulo não fez... a de profundidade

Sobre o conflito entre a livre e a escrava em si, há aspectos não

muito evidentes que podem fornecer pistas para a desconstrução da metáfora feita por ele. Em estudos anteriores explicitamos conflitos profundos e mais densos, quase invisíveis na leitura de superfície do evento envolvendo Sara, Agar e Abraão:

... Agar é expulsa por Abraão por exigência de sua esposa, quatorze anos depois de ter dado à luz a Ismael. Tudo nos leva a crer que os redatores tentaram manipular as **tradições para mostrar que até mesmo Abraão teve que expulsar a concubina e o filho estrangeiro**, já que a promessa de Yahweh repousava sobre Isaque e não Ismael. (...) Sara é mulher, a esposa do patriarca, que tem proeminência sobre a outra mulher. Agar é mulher, é egípcia, é escrava, e mais: escrava de mulher, o que a deixava numa espécie de marginalização até mesmo entre os escravos (...) **O único poder que Agar possui é o de ser fértil**, e esse poder mudou sua história.(...) (MARIANNO, 2005, p.11-12).

Quando Sara presenciou Ismael brincando (Gn 21,9), exigiu que Abraão se livrasse da escrava com o filho, para que Ismael, sendo o primogênito, **não tirasse a herança de Isaac** (21,10) (...) Muitos tem interpretado esta intervenção de Sara como “insubmissa”, precipitada, causadora de grandes males e **responsável pela inimizade entre os povos descendentes de Ismael e de Isaac. Todavia as bênçãos de Yahweh sobre Agar, tanto na fuga (Gn 16) quanto no desterro (Gn 21)**, nos mostram que, os descendentes da “precipitação” de Sara foram **por Yahweh** tão benditos e multiplicados quanto o foram os descendentes de Isaac. Será que o “incidente” Ismael foi realmente um “acidente”, fruto da “precipitação” de Sara, ou até que ponto essa “precipitação” foi ferramenta de Yahweh para formação de outro povo numeroso descendente do mesmo Abraão? (MARIANNO, 2004, p.47).

Os motivos subjacentes ao desterro da escrava se encaixam mais nas intrigas da alegoria e com os dualismos desconstruídos por Paulo do que a própria alegoria em si. Principalmente se considerarmos o que alavancou a imposição do desterro feita por Sara: o riso dos garotos.

Nossa tradução literal para Gn 21,9 é: *e viu Sara o filho de Agar, a egípcia, o qual deram à luz para Abraão, brincava [intensamente]*”. A LXX acrescenta o seguinte complemento após o verbo brincar: *meta Isaaktoûiuioûautês* que pode ser traduzido por: *com Isaque o filho dela*.

A tradução da expressão *mesahék* é controvertida. Primariamente o sentido é “rir”/“brincar”. A construção verbal em Gn 21,9 está no piel, sua forma intensiva e possui aplicação dupla. A positiva é a preferível, mas, no sentido negativo pode, em último caso, significar zombar ou escarnecer, sentido periférico que acabou sendo preferido por grande parte dos intérpretes, pois ajudavam a culpar Ismael pelo seu próprio desterro. A única construção idêntica que encontramos deste verbo está em Gn 26,8, quando diz que *Isaque brincava com Rebeca*. Em algumas situações pode ser um tipo de brincadeira íntima, como jogos

de amor, o que é pouco provável entre duas crianças, embora não seja pouco provável a erotização nas brincadeiras infantis. De toda forma, podemos interpretar como brincadeira entre pessoas muito ligadas afetivamente, o que também é enfatizado pela expressão grega *uiou*, presente no texto da LXX.

A frase traz um jogo de palavras, muito comum em textos hebraicos, que poderia ser traduzida como “ria do/com o risonho” (Isaque significa riso). Isaque e Ismael eram irmãos e Isaque era o irmãozinho de Ismael. Na cultura do Oriente, quanto mais velho é um irmão, mais responsável ele se torna pelo menor, ele ajuda a cuidar e proteger, é coparticipante na educação sendo, inclusive, respeitado pelo irmão menor como um segundo pai. O verbo significa simplesmente rir, no sentido de brincar com alguém, divertir-se com alguém ao invés de rir de alguém. Concluimos então que Ismael ‘brincava intensamente’ com Isaque, seu irmão mais novo, criança também querida por ele, ao invés de “zombar” dele como algumas traduções pretendem interpretar⁶.

Ismael foi, por muitos anos, criado como filho de Sara, tendo Agar como ama. Este tinha sido o propósito daquele negócio desde o princípio, mas, havia um componente novo: um filho legítimo de Sara. Provavelmente Ismael começou a ser tratado de maneira marginal naquela família depois do nascimento de Isaque. Ele deixou de ser o filho de Sara para voltar a ser o filho da escrava. Foi Sara quem enxergou um conflito que, pelo jeito, estava muito mais na cabeça dela do que em qualquer outro lugar: se os meninos se amavam, Ismael tinha que partir porque como primogênito herdaria mais do que Isaque. Tudo indica que, enquanto estivesse na família, Abraão amaria mais a Ismael (Cf. MARIANNO, 2015, p.112-119).

Ajuntando os cacos da metáfora

No contexto socioeconômico comum do Império Romano, depa-ramos com um contingente maior de escravos e de mulheres, principalmente de mulheres autônomas (sem marido). Em territórios espartanos, por exemplo, estima-se que mulheres autônomas fossem proprietárias de pelo menos 40% de todas as terras e propriedades em Esparta. As viúvas eram dignas de respeito e segundas núpcias eram ligeiramente desencorajadas. Nesse contexto, que também se refletia

⁶ A análise desse verbo pode ser conferida em Harris (1998); Davison (1993); Schökel (1997); Kirst (2000).

em outras partes do Império, como a região da Galácia, as mulheres cristãs tinham perfil mais semelhante ao das mulheres espartanas do que o das mulheres atenienses, que eram mais reprimidas e submissas. Aborto e infanticídio feminino também eram muito comuns no Império Romano. Se a mulher dava luz a uma filha, esta era sufocada ou afogada imediatamente para não aumentar o número de mulheres no Império. As mulheres de subculturas cristãs não toleravam o infanticídio feminino (cf. STARK, 2006, p.113,118,119). Stark nos informa ainda que “o coeficiente sexual muito favorável de que desfrutavam as mulheres cristãs logo se traduziu substancialmente em mais status e poder, tanto no interior da família como no âmbito da subcultura religiosa, mais do que era desfrutado pelas mulheres pagãs” (STARK, 2006, p.126).

Não seria de estranhar-se que este contexto socioeconômico característico do Império e, certamente, presente nas diversas comunidades da Galácia exercesse efeito inclusive sobre esta comunidade (ou comunidades) específica para quem Paulo está escrevendo. Uma alegoria envolvendo mulheres, filhos homens, escravos, esterilidade e desterro num mesmo escrito tem sentido provocativo, mas, qual nível de leitura as metáforas de Paulo realmente proporcionaram? A de superfície ou a de profundidade?

Num contexto no qual tantos escravos eram usados na construção de estradas e das edificações imperiais, e sabemos também que a presença de escravos era notável no cristianismo primitivo, equiparar a liberdade e escravidão nos termos que Paulo usou surtiu o efeito desejado ou causou mais ruídos na comunicação? Numa comunidade gentílica, onde mulheres autônomas eram consideravelmente abastadas, talvez senhoras de escravas, que natureza de recepção foi provocada com a alegoria? Que sentido teria a exaltação tanto da estéril quanto da abandonada nesta mesma períclope, num contexto no qual aborto, infanticídio e esterilidade eram temas sensíveis?

Até o momento do desterro, Ismael era filho de Sara, pois a ideia de gerar filhos de Abraão a partir da escrava fora dela. Mas, a mesquinha de Sara nos alerta para o fato que até mesmo os herdeiros da livre podem tornar-se escravos da própria liberdade. E quem se torna escravo da promessa facilmente se transforma em agente de opressão.

Concluindo a análise, ampliando a discussão

A leitura da alegoria de Gl 4,21-31 acaba por nos apresentar mais perguntas que respostas. Do ponto de vista da exegese é muito salutar essa aproximação que não deixa a teologia da revelação interferir na

análise, percebendo nas idiossincrasias do autor, presentes no texto, expressões da limitação humana em tentar entender e explicar as coisas divinas. E mesmo a partir da perspectiva da revelação, evidencia um Deus que usa o ser humano em sua limitação e compreensão, às vezes equivocada, da história e dos textos sagrados. E ainda assim consegue transmitir a mensagem de salvação e graça, que é o objetivo maior dos textos canonizados.

Nossa proposta percebeu na alegoria elementos de uma cultura popular que Paulo acolheu para exemplificar sua ideia sobre a liberdade perante a lei. Por outro lado, buscamos uma compreensão mais profunda da alegoria, com o fim de entender melhor onde Paulo queria chegar. Nesta compreensão, percebe-se que a situação de Agar, associada ao Cântico de Isaías, está longe de mostrar uma mulher a quem Deus não cuida. Ao contrário, é a oprimida para quem as promessas do profeta são dirigidas. Por sua vez, Sara, a mulher livre, longe de ser exemplo de alguém que vive na promessa, assume uma postura opressora e não solidária, exigindo do marido o abandono da mãe do outro filho de Abraão. Essa incongruência entre a história do Gênesis e a alegoria de Gálatas mostra que mesmo os autores bíblicos, dentre eles o competente Paulo, puderam errar em suas interpretações. Neste caso, confirma o fato de que o texto bíblico está sempre aberto a novas interpretações e leituras, segundo as novas situações que são vividas. Essa é a riqueza do texto bíblico.

Referências

- BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**. Organização de Alonso Schökel. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revisada e ampliada. 11. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2016.
- BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2014.
- CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- DAVISON, Benjamin. **The analytical hebrew and chaldee lexicon**. Grand Rapids: Zondervan, 1993, p.509 e 643
- HARRIS, R. L. **Dicionário internacional de teologia do AT**. Trad. Márcio Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p.1280-1281.

- KIRST, Nelson et al. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2000, p. 112-119.
- IZIDORO, José Luis. **Identidades e fronteiras étnicas no Cristianismo da Galácia**. São Paulo: Paulus, 2013.
- LOUW, Johaness; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. Baseado em domínios semânticos. Tradução de Vilson Scholz. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- MARIANNO, Lília D. “Manda, quem pode; obedece, quem tem juízo!” Apontamentos sobre as relações de poder nas famílias dos patriarcas (Gn 16,1-6; 21,8-21 e 38,1-30). **Estudos Bíblicos**, n. 85, v. 1, p. 11-21, 2005
- MARIANNO, Lília Dias. Os/as estrangeiros/as dizem: “Yahweh não nos excluirá de seu povo! Manifestos contra o imperialismo na teologia da reconstrução. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, n. 48, v. 2, p. 44-55, 2004.
- MARIANNO, Lília Dias. **Os relacionamentos complicados da Bíblia**. Rio de Janeiro: Eagle Books, 2015, p. 112-119.
- SCHÖKEL, Luiz Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Trad. Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997, p.559-560.
- STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história**. São Paulo: Paulinas, 2006.